

BRAUN, RICARDO. *Desenvolvimento ao ponto sustentável: novos paradigmas ambientais*. Petrópolis: Vozes, 2001, 183p.

***Antônio Valdecí Nobles***

No alvor do século XXI o debate sobre o destino da natureza e da humanidade ocupa um lugar de destaque. Vive-se, hoje, numa escala de espaço-tempo que garante à natureza e ao ambiente uma indubitável notoriedade e evidência. Assim, tanto a nível mundial quanto nacional percebem-se as dificuldades da sociedade em geral, diante de uma temática que exige a superação da ótica patrimonial e individualista, para desembocar em novos paradigmas ambientais.

O desenvolvimento sustentável é entendido como o modo de alcançar uma maior democratização da sociedade para que se possa atender às demandas de todos os habitantes do planeta na melhoria da qualidade de vida das gerações presentes e sem comprometer a capacidade das futuras de suprir as suas próprias necessidades. Dir-se-á que toda a modernização que o planeta sofreu através dos séculos, principalmente pelo acelerado desenvolvimento tecnológico, trouxe aos seus habitantes grandes melhorias

e benefícios, com isso maior conforto e uma melhor qualidade de vida aos seus “hóspedes”. Por outro lado, gerou grandes degradações ecológicas e seus conseqüentes problemas sociais e econômicos globais estão bastante evidentes nos dias atuais. O grande problema é que estes benefícios têm atingido uma pequena parte da população mundial, ficando os muitos problemas para a grande maioria, que não consegue resolvê-los adequadamente.

Para que se possa prenunciar uma nova alva em nosso planeta que pede socorro constantemente, a pesquisa da realidade, interdisciplinaridade, a dialogicidade, a aproximação do saber das diversas áreas do conhecimento, num viés direcionado ao desenvolvimento sustentável, são indispensáveis para vivenciar no cotidiano novas práticas que se constituam em práticas socioambientais, para que se possa assim almejar, conforme entendimento de Warat (1994), a uma “*ecocidadania*”<sup>2</sup> e a uma sociedade ecologicamente sustentada e em constante harmonia com a natureza.

Neste contexto a obra *Desenvolvimento ao ponto sustentável: novos paradigmas ambientais*, de Ricardo Braun, é motivo de alegria entre os ambientalistas, uma vez que referencia as experiências pessoais que tem vivenciado ao longo de sua trajetória nas diversas viagens realizadas por vários países do mundo.

A obra referida traz à discussão a insustentabilidade econômica e social pela visão de mundo que experimentamos desde o final do século passado, que fica bastante evidenciada pelas desigualdades sociais, os conflitos armados, os desastres ambientais e a pobreza da maioria da população do planeta, que refletem, no seu conjunto, o que o autor chama de insustentabilidade do desenvolvimento socioeconômico e, em última instân-

<sup>2</sup> WARAT, Luís Alberto. Por Quien Cantan las Sirenas: Informe sobre Eco-Ciudadanía y Derecho – Algunos Aspectos de la Modernidad, su decadencia y Transformación. *Direito em Debate*, Ijuí, n. 4, p. 72/96, set. 1994.

cia, dos próprios indivíduos que compõem a nossa sociedade moderna. Em síntese, traz ao conhecimento dos leitores as experiências de ecovilas e comunidades sustentáveis, localizadas em diversas partes do globo terrestre.

Muito bem estruturada, além da introdução, de um bom referencial teórico e endereços para contatos com a Rede Global de Ecovilas (Gen), a obra é dividida em excelentes *nove capítulos*.

No *primeiro capítulo* o autor analisa as raízes da crise ambiental e os esforços convencionais para a proteção do meio ambiente, tendo como referencial temporal Revolução Industrial, há mais ou menos 250 anos. Demonstra, por meio do relatório anual do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), os índices de degradação social, econômico e ecológico no planeta. Enfatiza, ainda, que a raiz da crise ambiental na Terra, refere-se à crise econômica e social que causa problemas no equilíbrio ecológico.

No *segundo capítulo*, acredita o autor, que as alternativas para mudar o estado social e econômico do planeta requerem inicialmente uma clara compreensão do que seja a atual visão dominante do mundo. Para Ricardo Braun, a ecologia profunda, sugerida pelo filósofo norueguês Arne Naess, propõe ir além da superficialidade das relações, que ele chamou de ecologia-superficial (entendida pelo autor como sendo, principalmente, as questões relacionadas com as leis ambientais, normas e resoluções) dos problemas ambientais, abordada pela atual visão filosófica do mundo. A ecologia profunda busca ir além da fronteira da ciência, buscando primordialmente a questão do *sere* da verdadeira *sabedoria* da Terra.

No *terceiro capítulo* Ricardo Braun conceitua o que são ecovilas, as quais considera como modelos específicos de comunidades intencionais ou sustentáveis, ou seja, são comunidades representadas por um processo recentemente em expansão caracterizado por um estilo de vida que busca o equilíbrio entre as ecologias interna e externa. Para o autor, esta busca se dá por meio de soluções criativas, baseadas em tecnologias alternativas e integradas com a natureza, pelo uso de seus benefícios sem causar degra-

dações pelo estabelecimento de uma economia sustentável, pelo dinheiro alternativo e pela busca de aperfeiçoamento e harmonia das relações humanas por intermédio do autoconhecimento e do crescimento espiritual.

Em continuidade, no *quarto capítulo*, o autor descreve o funcionamento de várias ecovilas de diversos países (inclusive com fotos ilustrativas), ou seja, aquelas mais conhecidas que se destacam pelas suas peculiaridades culturais e práticas ecológicas.

No *quinto capítulo* o autor aborda o funcionamento das comunidades sustentáveis ou condomínios alternativos, permitindo ao leitor uma ampla e diversificada noção de diversas experiências que podem ser referenciadas como exemplos concretos para o desenvolvimento sustentável. Segundo o autor, estas comunidades são formadas por grupos de pessoas que decidem morar juntas guiadas por princípios puramente ecológicos ou espirituais, culturais ou socioeconômicos. Ressalta, ainda, que a relação entre as ecovilas e as comunidades sustentáveis está em que em ambas existe um sentido de melhorar o nosso planeta por meio de cotidianas simples, como o respeito pela natureza e pelo próximo, e um estilo de vida natural baseado numa visão espiritual.

No *sexto capítulo* Ricardo Braun faz uma análise do princípio que norteia o movimento das ecovilas e de muitas comunidades sustentáveis. Para o autor este princípio é o da *permacultura*, o qual considera como um novo pensamento que se iniciou na produção de alimentos e agora se difunde em diversas áreas, como o paisagismo, a arquitetura ecológica e o *design* de produtos ecologicamente corretos. Exemplificando, o autor cita como linha-mestra a otimização na agricultura orgânica de base familiar pelo uso sustentável da terra, sem a utilização de produtos químicos, como fertilizantes e agrotóxicos. Desenvolve, ainda, o *permadesign*, que considera como um novo tema dentro do conceito de *permacultura*. Neste sentido, cita como exemplo a utilização de elementos naturais e muitas vezes reciclados da indústria para a fabricação de móveis e utilitários domésticos, adaptados a residências ecológicas ou não.

No *sétimo capítulo* o autor demonstra o sistema monetário que permeia as ecovilas, independente do sistema monetário tradicional dos bancos e das instituições financeiras. O sistema usado pela comunidades tem sido pelo uso do dinheiro alternativo, também conhecido como dinheiro verde, que substitui a moeda tradicional pelo uso de unidades de energia, que medem o processo de troca de serviços e produtos. O autor cita como um dos meios mais populares nas comunidades e que obtém grande êxito é o *Sistema Local de Trocas – LETS*. Este sistema monetário alternativo instituído pelas comunidades, além de construir uma estrutura mais independente do sistema financeiro e dos mercados especuladores, com as altas taxas de juros, contribui, também, para a melhoria do processo de comunicação comunitária e a comercialização de bens e serviços a nível local.

No *oitavo capítulo* Ricardo Braun analisa a utilização de fontes ambientalmente sustentáveis para a obtenção de energia elétrica nas comunidades alternativas. Analisa a questão da *energia-do-ponto-zero*, que somente agora começou a ser mais divulgada com possibilidades reais de uso, tanto para fins de cura do organismo humano quanto para o trabalho mecânico.

Finalmente, no *nono capítulo* do livro, o autor estuda os desafios dos novos paradigmas ambientais, ou seja, as novas possibilidades para ajudar a melhorar o ambiente em que vivemos.

Entende Ricardo Braun que a maior dificuldade reside no fato de que os novos paradigmas, ao mexerem com conceitos e hábitos bem estruturados e estabelecidos pela sociedade ideológica moderna, poderão automaticamente criar reações contrárias e gerar conflitos. Por isso os novos paradigmas, para serem incorporados ao *mainstream* (sistema), terão primeiro que enfrentar provas e pressões diversas para comprovar eficiência e possibilidade de sucesso dentro de um mundo moderno e

globalizado. Eles serão incorporados ao *mainstream* quando as resistências intelectuais e emocionais forem gradativamente diluídas, orientando as pessoas para soluções equilibradas. Para isso, pondera o autor, elas terão que inicialmente liberar os bloqueios e preconceitos criados durante gerações e gerações à luz de ações que conduzirão à evolução e ao equilíbrio das coisas.

Enfim, para Ricardo Braun, a questão da espiritualidade é o paradigma mais importante de todos os analisados na obra *Desenvolvimento ao ponto sustentável*: novos paradigmas ambientais, porque representa a mola propulsora das ações que redirecionarão o nosso planeta. Para o autor, sem a evolução espiritual necessária do homem, os outros paradigmas não funcionarão em sua plenitude. A condição fundamental para o processo de desenvolvimento ao ponto sustentável do planeta está na simplicidade e no equilíbrio entre a ecologia interna e a ecologia externa do homem.